

Cartas inéditas de Salazar revelam segredos e intimidade com três gerações de família inglesa

Bárbara Reis – 26 de novembro de 2017

(...)

“A viagem a bordo do navio Highland Chieftain foi agradável [...], mas detestei este barco que a cada momento me afastava do meu Portugal bem-amado. [...] Há mais de dez dias que estou aqui e não há meio de me habituar a esta nova forma de vida. Até a comida me exaspera!”

Quando escreve estas linhas, Christiane Andrée Stark Garton (1920-2004) tem 37 anos, é casada com Cecil Garton (1917-1993) há 16 e os filhos, Ian e Carole, ainda são pequenos. Nascida em Paris, filha de mãe francesa e pai escocês de Gibraltar, já não está habituada ao frio.

(...)

Salazar responde logo no dia 17. Falta uma semana para o Natal.

“Dona Christiana,

Vou escrever-lhe em português, mas com a melhor letra possível, para que não tenha grande dificuldade em compreender. Agradeço-lhe do coração a sua carta, que me deu grande trabalho a interpretar. Pode gabar-se de ter a letra mais difícil de quantas conheço. Mas com muito boa vontade lá consegui entender tudo, as referências à quinta, ao burro, às laranjas e às saudades que tem de Portugal. Se eu fosse capaz de me entender com o bom do inglês que lá vive, já teria ido dar um passeio à quinta só para poder dizer-lhe vi isto, vi aquilo. Sei como isso lhe seria agradável e ajudaria a matar as saudades da sua casa e das suas coisas. [...] Vai ver que o tempo passa depressa e que dentro de pouco estará de novo na sua quinta e junto das pessoas amigas. E verá o burro e o cão e as flores e venderá os tocos dos pinheiros. Espero que não estejam ainda podres e valham alguma coisa. Veja se podemos ser-lhe útil nalguma coisa e diga com franqueza o que deseja de Portugal. Dar-me-á muito prazer prestar-lhe algum pequeno serviço. Respeitosos cumprimentos e os melhores votos para um Novo Ano feliz. Oliveira Salazar”

(...)

Hoje, a Quinta da Boa Vista, de onde chegaram e partiram tantas destas cartas, está aberta ao público e faz parte do roteiro turístico da Madeira. Betty Garton, a segunda mulher do coronel Cecil, ainda lá vive com o filho Patrick, que estudou Botânica em Oxford. Os dois mantêm viva a paixão — e agora, o negócio — das orquídeas. Foi ela e o marido que no Verão de 1980 receberam Francisco Sá Carneiro e Snu Abecassis e os levaram a ver as estufas de orquídeas (uma visita que resultou na criação de uma orquídea chamada *Snu*, conta Cândida Pinto em *Snu e a Vida Privada com Sá Carneiro*, D. Quixote, 2011). Através do filho, Betty Garton, hoje com 89 anos, conta que nunca teve “o prazer de conhecer Salazar”, mas que “o marido e a sogra falavam muitas vezes dele”. Há uma história que ouviu ser repetida ao longo dos anos: “Sempre que ia a Lisboa, a avó levava orquídeas e entregava-as em mão em São Bento”, conta Patrick. “E Salazar nunca as aceitava sem dar alguma coisa em troca. Não queria que aceitar as flores pudesse ser visto como uma cunha ou um suborno.” O que trazia Cary Garton? “Era quase sempre ovos ou alguma coisa caseira feita com os ovos da quinta de Salazar.” Os ovos, provavelmente, da capoeira que D. Maria mantinha no fundo do jardim do Palácio de São Bento.